

CONFIABILIDADE E DIVERSIDADE DE FONTES NO JORNALISMO AMBIENTAL DO CORREIO DO POVO (2016-2023)

RELIABILITY AND DIVERSITY OF SOURCES IN ENVIRONMENTAL JOURNALISM OF CORREIO DO POVO (2016-2023)

CONFIABILIDAD Y DIVERSIDAD DE FUENTES EN EL PERIODISMO AMBIENTAL DEL CORREIO DO POVO (2016-2023)

Vanesa Romansin¹
Claudia Herte de Moraes²

Resumo

Este artigo analisa o papel das fontes de informação na cobertura jornalística de questões ambientais, com foco nas reportagens especiais publicadas pelo Correio do Povo entre 2016 e 2023. Baseado em uma análise de conteúdo e na classificação de fontes segundo Schmitz (2011), o estudo investiga a diversidade e a confiabilidade das fontes utilizadas, explorando como essas características impactam a qualidade das reportagens. Observa-se uma predominância de fontes confiáveis (86%) e uma quase igualdade no uso de fontes primárias (50,4%) e secundárias (49,6%), o que reflete uma estratégia editorial voltada para a precisão informativa. No entanto, há uma dependência significativa de fontes oficiais, o que pode limitar a pluralidade de vozes nas reportagens. A análise destaca a importância de uma maior inclusão de fontes não-oficiais e alternativas, que poderiam enriquecer as narrativas jornalísticas com perspectivas variadas, bem como reforça a relevância do jornalismo ambiental no contexto atual, enfatizando o papel fundamental das fontes na construção de reportagens que não apenas informam, mas também mobilizam a sociedade em prol da preservação ambiental.

Palavras-chave: fontes; jornalismo ambiental; cobertura jornalística; Correio do Povo.

Abstract

This article analyzes the role of information sources in the journalistic coverage of environmental issues, focusing on special reports published by Correio do Povo between 2016 and 2023. Based on content analysis and Schmitz's (2011) source classification, the study investigates the diversity and reliability of the sources used, exploring how these characteristics impact the quality of the reports. A predominance of reliable sources (86%) and a near balance between primary (50.4%) and secondary (49.6%) sources were observed, reflecting an editorial strategy focused on information accuracy. However, there is significant dependence on official sources, which may limit the plurality of voices in the reports. The analysis highlighted the importance of greater inclusion of unofficial and alternative sources, which could enrich journalistic narratives with diverse perspectives, as well as reinforce the relevance of environmental journalism in the current context, emphasizing the fundamental role of sources in the construction of reports that We not only inform, but also mobilize society in favor of environmental preservation.

Keywords: sources; environmental journalism; journalistic coverage; Correio do Povo.

Resumen

Este artículo analiza el papel de las fuentes de información en los periódicos de cuestiones ambientales, con un enfoque en los reportajes especiales publicados por el Correio do Povo, entre 2016 y 2023. Basado en un análisis de contenido y en la clasificación de fuentes según Schmitz (2011), el estudio investiga la diversidad y la fiabilidad de las fuentes utilizadas, explorando cómo esas características impactan la calidad de los reportajes. Se observa un predominio de fuentes confiables (86%) y una casi igualdad en el uso de fuentes primarias (50,4%) y secundarias (49,6%), lo que refleja una estrategia editorial orientada a la precisión informativa. Sin embargo, hay una dependencia significativa de fuentes oficiales, lo que puede limitar la pluralidad de voces en los reportajes. El

¹ Acadêmica de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria

² Jornalista, Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Professora Associada no Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

análisis destaca la importancia de una mayor inclusión de fuentes no oficiales y alternativas, que podrían enriquecer las narrativas periodísticas con perspectivas variadas, así como refuerza la relevancia del periodismo ambiental en el contexto actual, enfatizando el papel fundamental de las fuentes en la construcción de reportajes que no solo informan, sino que también movilizan a la sociedad en pro de la preservación ambiental.

Palabras clave: fuentes; periodismo ambiental; trabajo periodístico; Correio do Povo.

1 Introdução

O jornalismo, desde seus primórdios, é parte integrante do cotidiano dos cidadãos, desempenhando um papel essencial na disseminação de informações relevantes e confiáveis. Segundo Traquina (2005), o jornalismo em seu "pólo ideológico", se coloca como um "serviço público que fornece aos cidadãos as informações de que precisam" (Traquina, 2005, p. 27). Traquina (2005) ainda define o jornalismo como uma representação da "realidade", na qual os acontecimentos retratados são reais, e não ficcionais, pois todos os personagens e as histórias são verídicos.

No contexto do jornalismo ambiental, essas funções tornam-se ainda mais relevantes. A cobertura de questões ambientais exige apuração rigorosa e fontes diversificadas e confiáveis, uma vez que os temas tratados são complexos e impactam diretamente a sociedade em diferentes setores e escalas. A responsabilidade do jornalismo em retratar a realidade de forma precisa, reflete na necessidade de utilizar fontes que garantam a integridade e a credibilidade das informações disseminadas.

Levando isso em consideração, o jornalismo ambiental, enquanto "pólo ideológico" e "serviço público", pode influenciar a sociedade na preservação do meio ambiente ao utilizar fontes diversificadas e confiáveis. Em linhas gerais, pode-se dizer que o jornalismo ambiental baseado em tais fontes é mais eficaz na educação e mobilização da sociedade para a proteção e preservação ambiental.

De acordo com Santos (1997, p. 28), "as fontes são um fator determinante para a qualidade da informação produzida pelos meios de comunicação". Dessa forma, o objetivo deste estudo é analisar as fontes de informação na cobertura jornalística de questões ambientais, avaliando como a diversidade e a confiabilidade dessas fontes impactam a qualidade da cobertura.

A escolha de investigar o jornalismo ambiental justifica-se pela crescente relevância do tema desde o cenário global ao local, e pela necessidade de um jornalismo que não apenas informe, mas também contribua para a conscientização quanto às possibilidades de ação responsável, tanto para diminuir as causas da crise socioambiental, quanto para o enfrentamento dos seus efeitos.

A pesquisa está baseada na análise de conteúdo de reportagens ambientais especiais do *Correio do Povo*, publicadas entre os anos de 2016 e 2023 nas edições dominicais, com foco na diversidade e confiabilidade das fontes utilizadas. A teoria do jornalismo de Traquina (2005) é usada como base para compreender o papel do jornalismo como "pólo ideológico" e "serviço público". Além disso, é realizado levantamento bibliográfico para consolidar uma base teórica sobre a relação entre jornalismo, ambiente e uso de fontes.

A análise pretende contribuir para o entendimento do impacto das fontes de informação na cobertura jornalística ambiental de um veículo regional, reforçando a importância de uma apuração rigorosa e de fontes confiáveis na construção de uma boa notícia, tratando-se de temas complexos e de múltiplas dimensões.

2 Breve histórico do jornalismo ambiental

A crescente presença de temáticas ambientais nos noticiários, tanto nacional quanto internacionalmente, é impulsionada pelas emergências ambientais globais, colocando o jornalismo ambiental (JA) em destaque. Originado no jornalismo científico, o JA surgiu na Europa na década de 1960 e se expandiu para os Estados Unidos, influenciando também o Brasil (Belmonte, 2017). Apesar de ser uma área relativamente recente, o JA tem ganhado importância desde a década de 1990, como observa Nelson (1994), ao afirmar que “a maioria das agências de notícias reconhece que o meio ambiente é uma grande fonte de pautas” (Nelson, 1994, p. 13).

O jornalismo ambiental hoje possui mais autonomia em comparação há trinta anos, embora ainda enfrente desafios mercadológicos que dificultam sua prática no Brasil. Belmonte (2020) argumenta que o JA é uma especialização menos prestigiada e frequentemente marginalizada, devido aos conflitos que gera com interesses da classe dominante.

Por questionar interesses econômicos, políticos e culturais, o jornalismo ambiental é uma especialização marginal no jornalismo brasileiro, com autonomia bastante reduzida. Marginal no sentido de sobreviver à margem das demais especializações de maior prestígio, como a econômica, que pode ser setorial e/ou macroeconômica, e a futebolística, apenas para citar duas que sempre atraem grandes anunciantes, e a política, que dá credibilidade institucional ao veículo e abre um diálogo com os governantes da vez nas esferas municipal, estadual e federal, anunciantes igualmente importantes no mercado jornalístico brasileiro (Belmonte, 2020, p. 186).

Bueno (2007) reforça que o JA busca construir seu próprio “*ethos*”, diferenciando-se do jornalismo científico e econômico. Segundo ele, o JA envolve a captação, produção e circulação de informações sobre temáticas ambientais, destinadas a um público não especializado, em diversas plataformas midiáticas. Embora algumas vezes tratado como apenas mais uma

especialização, o JA transcende essa visão limitada, como apontam Girardi *et al.* (2012). Eles afirmam que o JA vai além da cobertura de temas ambientais, adotando uma abordagem plural e sistêmica, essencial para moldar políticas ambientais eficazes.

Além disso, Bueno (2007) destaca três funções essenciais do JA: a informativa, que supre a necessidade do público por informações sobre temas ambientais; a pedagógica, que explica as causas e soluções para problemas ambientais; e a política, que mobiliza a sociedade contra interesses que agravam esses problemas. Essas características conferem ao JA uma abordagem distinta, valorizando a diversidade de perspectivas e a interconexão entre diferentes temas.

Girardi *et al.* (2012) acrescenta que o JA deve incorporar uma visão sistêmica, lidar com a complexidade dos eventos ambientais, valorizar a diversidade de saberes e não ser refém de fontes oficiais. Deve também defender a biodiversidade e a vida, assumindo seu papel educativo, cidadão e transformador. Essas particularidades são fundamentais para a prática do JA, consolidando-o como uma área crucial, ainda que jovem, no campo do jornalismo.

Desta forma, Girardi *et. al* (2018) postulam que o Jornalismo Ambiental se constitui como uma perspectiva que norteia a reflexão e a prática profissional no campo jornalístico. Nessa mesma direção, afirma o caráter sistêmico e transversal das pautas, valorizando a ampla variedade de fontes acessadas. Para Moraes, o Jornalismo Ambiental “busca o aprofundamento e por isso tem ênfase no processo de apuração da informação jornalística” (Moraes, 2015, p. 75), bem como “se organiza a partir do conhecimento sobre meio ambiente e suas interações, não é simplesmente uma especialidade, pois prioriza no seu exercício um comprometimento com uma visão cidadã.” (Moraes, 2015, p.75).

Na perspectiva do JA, se configura, entre os principais elementos para a compreensão dos fenômenos de forma complexa, a busca da pluralidade, base central do Jornalismo ambiental, conforme explicitado por Girardi *et. al* (2012, p. 137), como um valor inclusivo para o debate público. Assim, a discussão sobre a importância das fontes de informação leva a uma compreensão abrangente sobre o papel do jornalismo como "pólo ideológico" e "serviço público", ponto que é abordado na próxima seção.

3 A importância das fontes no jornalismo

Traquina (2005) postula que, no Jornalismo, o polo ideológico é um dos eixos que moldam a produção jornalística, já que está relacionado ao conjunto de valores, crenças e pressupostos da prática jornalística, influenciando a seleção, a hierarquização e a construção

das notícias. O autor aponta que a imprensa se identifica “como um elemento fundamental da teoria democrática, o jornalismo é visto como um serviço público em que as notícias são o alimento de que os cidadãos precisam para exercer os seus direitos democráticos.” (Traquina, 2005, p. 126). Nesse espaço teórico, podemos situar a escolha das fontes, pois, quando se trata de reportagens e notícias jornalísticas, um dos primeiros tópicos é a necessidade das fontes de informação na organização e apuração das informações relevantes.

Segundo Lopes (2016), “as fontes de informação jornalística constituem-se como ponto fulcral para a compreensão dos conteúdos jornalísticos e, por extensão, para o conhecimento do espaço público que os media noticiosos constroem através do seu trabalho.” (Lopes, 2016, p. 180). O contato com as fontes faz parte do movimento de contextualização do acontecimento, processo realizado pelo jornalista, “que lança mão de critérios jornalisticamente definidos, assim como de outros, subjetivos, difíceis de apreender, mas igualmente relevantes na definição de quais as informações vão permanecer na disputa por um espaço na edição do dia seguinte”, (Girardi et. al, 2013, p. 186). Esse acesso, de alguma forma, vai moldar o relato do acontecimento e, por conseguinte, o encaminhamento da interpretação dos fatos.

As fontes são consideradas a forma mais genuína para qualificar a apuração jornalística. A apuração jornalística é qualificada como a espinha dorsal do trabalho jornalístico (Pereira Junior, 2006, p. 73). Para Schwaab (2021), uma das formas de o repórter não ficar refém de fontes que trazem visão reduzida do acontecimento é uma atuação de forma metódica na apuração. Ou seja, é preciso acessar as fontes de forma crítica.

As fontes normalmente mais acessadas são escolhidas por alguns critérios, entre os principais estão: a autoridade, que remete às fontes oficiais e autoridades; a produtividade que se qualifica pela quantidade e qualidade das informações obtidas para a pauta; e a credibilidade sem a qual a reportagem não se sustenta diante do público (Gans, 1979 *apud* Santos, 1997). “Normalmente, as fontes que reúnem as três características citadas são as mais presentes no noticiário.” (Moraes, 2021, p. 54).

Wolf (2005) considera que há uma diferença de validação da relevância das fontes pelo jornalismo bem como nem todas são acessadas de forma uniforme. Nas temáticas ambientais, da mesma forma, podemos situar esse elemento. Em uma análise das fontes de reportagens sobre meio ambiente, realizada nos conteúdos de Zero Hora, Correio do Povo, O Sul e Jornal do Comércio, concluiu que, nesses veículos, as fontes que mais foram trazidas se relacionam a: governos, empresas e, em terceiro lugar, às organizações não-governamentais (ONGs). (Strauch, 2002 *apud* Girardi et. al, 2013). Analisando as fontes da revista Veja em 2011 sobre pautas de clima e meio ambiente, Miranda (2012, p. 88) traz a compreensão que as fontes trazem

“um recorte que o próprio jornalista faz sobre a realidade, de modo a poder construir o quebra-cabeças de informações e referências com o qual compõe a reportagem”.

A importância das fontes para o jornalismo é ainda mais intensa quando, em reportagens aprofundadas, são os fatos em que a participação ou envolvimento pessoal - antes mesmo que de instituições sociais - é mais valorizada. São personagens considerados essenciais para a elucidação de acontecimentos, como testemunhas ou agentes diretos dos fatos (Moraes, 2021, p. 56).

Kovach & Rosenstiel (2004) apontam que a confiança excessiva dos jornalistas em fontes oficiais pode provocar distorções na apuração e verificação dos fatos e prejudicam exatamente a busca da pluralidade de fontes e a responsabilidade social. Para os autores, é necessário manter uma distância crítica, evitando se tornar porta-vozes de interesses particulares. Nesse sentido, ainda, é de suma relevância que os jornalistas busquem coletar informações diversificadas para trazer visões diferenciadas, levando em consideração que os acontecimentos socioambientais são fatos que impactam diretamente a vida das pessoas.

4 Uma classificação para o estudo

Conforme Schmitz (2011), a maioria das informações jornalísticas é plural, obtidas de diversas fontes, que o jornalista utiliza para reforçar ou confirmar a verdade no relato dos eventos. Como uma forma de estudar a relevância das fontes, destacamos a classificação feita pelo autor, que subdivide as fontes em uma série de categorias que facilitam o entendimento e a separação das informações.

Todas as fontes podem ser classificadas como primárias e secundárias. As fontes primárias são aquelas que fornecem informações diretas sobre o acontecimento, “essa fonte está diretamente envolvida nos fatos, normalmente com testemunha ocular”. (Schmitz, 2011, p. 8). As fontes secundárias são normalmente o tipo de fonte que “contextualiza, interpreta, analisa, comenta ou complementa a matéria jornalística, produzida a partir de uma fonte primária”. (Schmitz, 2011, p. 8).

Todas essas fontes pertencem a distintos grupos, tendo em vista que toda informação possui uma origem pré-estabelecida e/ou necessita de uma contextualização.

Quadro 1: as fontes jornalísticas em relação ao grupo segundo Schmitz (2011) e Lage (2001)³

Tipo	Especificidade
Oficial	<ul style="list-style-type: none"> - Refere-se a indivíduos em cargos públicos que se pronunciam por meio de órgãos mantidos pelo Estado. - Preservam os poderes constituídos: executivo, legislativo e judiciário. - As fontes oficiais são as preferidas da mídia por fornecerem informações de interesse público.
Empresarial	<ul style="list-style-type: none"> - Refere-se a representantes de corporações empresariais de setores como indústria, comércio, serviços ou agronegócio. - Suas ações frequentemente têm interesses comerciais. - Estabelecem relações com a mídia para preservar a imagem e reputação da corporação. - São acusadas de exercer poder como anunciantes, confundindo suas notícias com propaganda.
Institucional ou Independente	<ul style="list-style-type: none"> - Representa organizações sem fins lucrativos ou grupos sociais. - Essas fontes podem ter uma "fé cega" no que defendem, o que pode comprometer a credibilidade das informações fornecidas. - Apesar disso, são vistas como espontâneas e "desvinculadas de qualquer interesse" próprio. - Busca a mídia para sensibilizar e mobilizar o grupo social, a sociedade em geral, e o poder público.
Individual	<ul style="list-style-type: none"> - A fonte individual representa apenas a si mesma, sem falar por organizações ou grupos sociais. - Pode ser uma pessoa comum, personalidade política, cultural, artística, ou um profissional liberal. - O cidadão individual busca visibilidade para reivindicar seus direitos. - A fonte individual também pode atuar como testemunha de fatos ou para contextualizar informações na vida cotidiana.
Testemunhal	<ul style="list-style-type: none"> - Funciona como um álibi. - Normalmente são testemunhas que estão próximas ao fato (temporalmente e pessoalmente); - "se apoia na memória de curto prazo, que é mais fidedigna, embora eventualmente desordenada e confusa" (Lage, 2001, p.67).
Especializada	<ul style="list-style-type: none"> - "Trata-se de pessoa de notório saber específico (especialista, perito, intelectual) ou organização detentora de um conhecimento reconhecido". (Schmitz, 2011, p.11) - Consegue analisar probabilidades e consequências dos acontecimentos.
Referência	<ul style="list-style-type: none"> - "A fonte de referência aplica-se à bibliografia, documento ou mídia que o jornalista consulta. Trata-se de um referencial que fundamenta os conteúdos jornalísticos e recheia a narrativa, agregando razões e ideias". (Schmitz, 2011, p.12)

Fonte: elaboração própria, baseado em Schmitz (2011) e Lage (2001)

Schmitz (2011) expõe que cada fonte pode agir de acordo com sua própria conveniência, levando em conta que defendem seu ponto de vista, embora, aparentemente, "colaborem" com o jornalista. As fontes podem adotar quatro tipos de ação: ativa, passiva, proativa e reativa.

a) Ativa: "Age de forma equilibrada na esfera pública, utilizando a mídia para defender os seus interesses e gerir a sua imagem e reputação perante os seus públicos prioritários (stakeholders) e a sociedade" (Schmitz, 2011, p. 14);

³ Lage (2001) é bem mais singelo em sua classificação taxonômica das fontes, dividindo-as em: oficiais, oficiosas, independentes, primárias, secundárias, testemunhais e experts.

- b) Passiva:** por exemplo, referências bibliográficas, documentos, entre outros. Entretanto, uma pessoa e organizações também podem assumir uma ação passiva, fornecendo apenas o necessário para o repórter;
- c) Proativa:** “Devido ao alto nível de capacitação, as fontes organizadas aprimoraram as suas ações estratégicas, subindo ao patamar da proatividade, ou seja, produzem e oferecem notícias prontas, ostensiva e antecipadamente” (Schmitz, 2011, p.13);
- d) Reativa:** preferem distância da mídia, mesmo possuindo informações importantes, optam por evitar chamar a atenção dos repórteres, buscando evitar a invasão de sua privacidade.

As fontes podem ser identificadas ou sigilosas e, normalmente, assumem três tipos de qualificação: confiáveis, fidedignas e duvidosas.

- a) Confiável:** uma fonte torna-se confiável por manter uma relação próxima com o jornalista;
- b) Fidedigna:** normalmente essa fonte assume esse posto por “posição social, inserção ou proximidade com o fato” (Schmitz, 2011, p. 18);
- c) Duvidosa:** são as fontes que geram dúvidas no jornalista.

“Boas fontes são extremamente valiosas. Após identificadas, devem ser mantidas” (Nelson, 1994, p. 19). Para manter as fontes, Nelson sinaliza algumas formas de tratar as fontes corretamente e, conseqüentemente, facilitando a retenção de boas fontes. Mas sempre se deve lembrar que o jornalista deve manter a sua ética e, antes de tudo, valorizar seu público como o próprio Nelson salienta, “a primeira responsabilidade do jornalista é com os seus leitores ou sua audiência, não com as fontes” (Nelson, 1994, p. 20).

5 Questões metodológicas

Este trabalho analisa a importância das fontes de informação na cobertura de questões ambientais, avaliando como a diversidade e confiabilidade das fontes impactam na qualidade e na eficácia da cobertura. Para tal, foram selecionados dois métodos específicos para o bom andamento da pesquisa: pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo

A pesquisa bibliográfica “baseia-se no estudo da teoria já publicada, assim é fundamental que o pesquisador se aproprie no domínio da leitura do conhecimento e sistematize todo o material que está sendo analisado” (Sousa; Oliveira; Alves, 2021, p. 66).

Para Rodrigues e Neubert (2023, p. 63) “a revisão de literatura permite ao pesquisador obter uma visão global e acompanhar o andamento das pesquisas sobre uma temática específica, tornando-se capaz de identificar os pontos críticos e as lacunas de conhecimento sobre o tema”.

Nesse artigo, a pesquisa bibliográfica serviu para a contextualização da importância de boas fontes, sua importância nas coberturas sobre meio ambiente, ainda mais nesse caso em específico, no qual os objetos de pesquisa são reportagens especiais⁴, em que existe uma maior demanda de informações e, conseqüentemente, maior demanda de fontes. Por conseguinte, foram coletadas matérias vinculadas à edição dominical do Correio do Povo, o +Domingo, relacionadas às datas de 06 de novembro de 2016⁵ até 31 de dezembro de 2023.

Para Bardin (2011), análise de conteúdo “é um método muito empírico” (Bardin, 2011, p. 36), que depende muito do “tipo de fala a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo” (Bardin, 2011, p. 36). A autora prossegue, explicando que a análise de conteúdo é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações”, não se tratando de um mero instrumento de pesquisa, mas sim de amplo “leque de apetrechos”, ou em outras palavras, “será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações”. (Bardin, 2011, p. 37).

6 Sobre o jornal correio do povo

O Correio do Povo foi fundado pelo sergipano Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior, em 1º de outubro de 1895, mais ou menos dois meses após o fim da Revolução Federalista⁶. A vontade de Caldas era que o CP fosse uma instituição apartidária, que possuía como princípios centrais um jornalismo “independente, nobre e forte”, e nunca se curvando a “influências secundárias”.

O jornal manteve atividade ininterrupta até 16 de novembro de 1984, quando saiu de circulação, e só voltaria às bancas em maio de 1986, sob o comando do economista Renato Bastos Ribeiro. Posteriormente, em 2007, seria vendido para o Grupo Record, passando a utilizar a marca R7 em seus produtos. Em meados de 2016, o Correio do Povo lançou a edição especial de domingo, denominada +Domingo. Essa nova versão trouxe reportagens especiais,

⁴ Reportagem especial é “aquela que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto” (Lima, 1993, p. 24), explora “um assunto em profundidade, cercando todos os seus ângulos” (Kotscho, 1995, p. 71), “permitem ao público enxergar mais amplamente o momento que o país e o mundo atravessam, compará-lo com acontecimentos 56 passados, intuir tendências, formar opinião sobre esses assuntos” (Bonner, 2009, p. 19) e “aprofundar assuntos de interesse público” (Carvalho *et al.*, 2010, p. 21) (Macedo, 2024, p. 55).

⁵ Data em que a primeira reportagem especial de meio ambiente ocupou as páginas dominicais, registrando, no entanto, que as edições especiais começaram em 05 de junho de 2016.

⁶ Guerra Civil que ocorreu no Rio Grande do Sul entre 1893 e 1895, de um lado os federalistas que queriam mais autonomia estadual, enquanto do outro os republicanos desejavam manter o poder centralizado na república.

além dos já tradicionais cadernos de esporte e rural. Antes disso, as edições dominicais seguiam o formato comum do jornal, sem grande destaque. A partir de 2016, a diagramação também foi aprimorada, conferindo mais visibilidade e atratividade à edição.

Imagem 1: comparação entre as edições dominicais em 2015 e após a reformulação em 2016



Fonte: Correio do Povo. Respectivamente 27/12/2015 e 06/12/2016.

O meio ambiente frequentemente entra em pauta nos mais variados veículos de comunicação, na medida em que a crise ambiental é mais abrangente. Massierer (2007), destaca que assuntos ambientais têm espaço garantido quando se trata de acontecimentos de grande repercussão tanto internacional quanto local.

a mídia também continua acompanhando eventos propostos por órgãos governamentais, universidades, movimentos sociais e ONGs com o intuito de despertar o interesse na sociedade pela preservação ambiental por meio de Semanas do Meio Ambiente, Semana da Água, Dia da Árvore, entre outros (Massierer, 2007, p. 68).

Entretanto, nesse sentido, convém lembrar que, embora grandes acontecimentos ganhem muito mais espaço na cobertura, não são necessariamente os únicos, já que temas de menor impacto também podem ser encontrados em meio às editoriais do CP.

7 As fontes no jornal correio do povo

Em um sentido amplo, é das fontes que vem boa parte das informações necessárias para a construção de uma boa notícia ou reportagem. Mas o que são essas fontes?

Pessoas, organizações, grupos sociais ou referências; envolvidas direta ou indiretamente a fatos e eventos; que agem de forma proativa ou reativa; sendo confiáveis, fidedignas ou duvidosas; de quem os jornalistas obtêm informações de

modo explícito ou confidencial para transmitir ao público, por meio de uma mídia (Schmitz, 2011, p. 9).

A primeiro passo, uma das observações que podem ser feitas do jornalismo do CP e suas fontes é a preferência por fontes oficiais garantindo maior embasamento e credibilidade nas informações. Todavia, Fante (2020) sinaliza que o jornalismo do CP, fica muito dependente dessas fontes oficiais vindas de governos estaduais e municipais e, raramente, recorrendo a fontes oficiais da ciência, por exemplo. Além da falta de fontes não-oficiais, que poderiam ajudar na compreensão de determinadas pautas, garantindo maior aprofundamento delas.

As ditas fontes bibliográficas também ganham espaço, principalmente em matérias especiais, em que a demanda de informações é maior, e muitas vezes não é suprida apenas pelas fontes oficiais. Baseado nisso, para essa análise foi adotado o modelo proposto por Schmitz (2011) quanto a categoria grupo, ação e qualificação das fontes. Ao todo, foram 37 reportagens analisadas, foram localizadas 250 fontes, sendo possível observar alguns critérios e padrões que trazem múltiplas interpretações da forma como o Correio do Povo trabalha com suas fontes nas reportagens ambientais.

Quadro 2: número de fontes e reportagens por ano

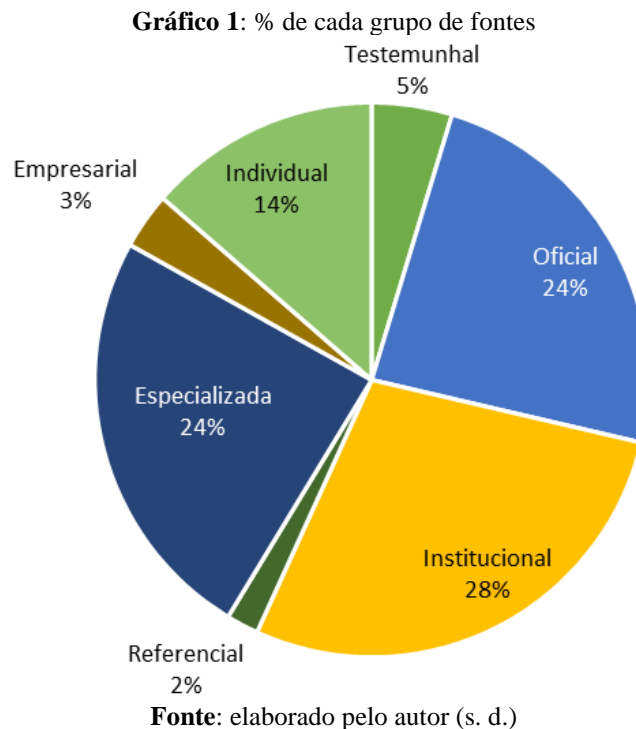
Ano	Reportagens produzidas por ano	Fontes consultadas por ano
2016	2	9
2017	6	32
2018	4	22
2019	8	49
2020	3	19
2021	4	35
2022	3	8
2023	7	76
Totais	37	250

Fonte: elaborado pelo autor (s. d.)

Nos anos de 2019 e 2023 houve mais consultas a fontes de informação e entrevistas, 49 e 76, respectivamente, sendo, portanto, diretamente proporcional ao número de reportagens feitas naqueles anos (7 e 8), constituindo-se destaque no período analisado. Isso pode se explicar em função dos acontecimentos relacionados. Em 2019, a agenda do clima definitivamente chamou a atenção, assim como incêndios na Amazônia, enquanto as ondas de calor atingiram

grande parte do Brasil, sendo o momento em que o movimento dos jovens pelo clima também eclodiu. Já em 2023, ocorreram com maior intensidade os eventos climáticos extremos, ondas de calor, incêndios florestais e inundações, incluindo a que atingiu a Bacia Taquari-Antas, no Rio Grande do Sul, em setembro de 2023, que já havia sofrido com chuvas intensas em junho do mesmo ano. Nestes dois anos, foram ouvidas exatamente 125 fontes, ou seja, 50% das fontes de todo o período.

Quanto à categorização das fontes, pode-se observar que existe praticamente um empate técnico entre primárias e secundárias. As fontes primárias, representam cerca de 50,4% das aparições, enquanto as fontes secundárias representam 49,6%. Embora exista essa “equalização” no uso das fontes primárias e secundárias, ele não é dito sobre os grupos, onde existem diferenças muito bem delimitadas.



Como pode-se observar no Gráfico 01, existe uma predisposição na escolha das fontes, com uma preferência por fontes que trarão maior segurança nas respostas. Isso pode ser compreendido como uma estratégia para burlar possíveis informações incoerentes, pois fontes especializadas, oficiais e institucionais tendem a ocupar um hall de segurança, ou seja, normalmente representam governos estaduais, municipais, instituições de ensino, estudiosos, entre outros, que tem uma determinada inclinação a fornecer informações precisas.

Nesse sentido, o estudo confirma o encontrado na pesquisa bibliográfica da área apresentada neste artigo, em que se observa a predileção pelas fontes oficiais. Destaca-se ainda

que as fontes institucionais, por representarem organizações, podem indicar que o jornalismo é ainda entendido nesse espaço de demandas de grupos e seus representantes, estando, dessa forma, atuando na mediação social de forças que podem estar em conflito. No entanto, em função da preponderância destes três grupos que, em geral, mantêm espaços de poder, pode-se inferir que a pluralidade das perspectivas ainda precisa ser ampliada para enriquecer o debate.

Isso comprova-se ainda mais ao analisar a qualificação das fontes, como o seguinte cenário: fontes confiáveis representam aproximadamente 86%; fidedignas, 13,5%; enquanto as fontes duvidosas representam apenas 0,5% (durante todo o período da pesquisa, encontrou-se apenas uma fonte que pode ser classificada como duvidosa). Dessa forma, é possível entender que os jornalistas do CP preferem manter um hall de fontes confiáveis, indicando que possuem maneiras “oficiais” de obter informações.

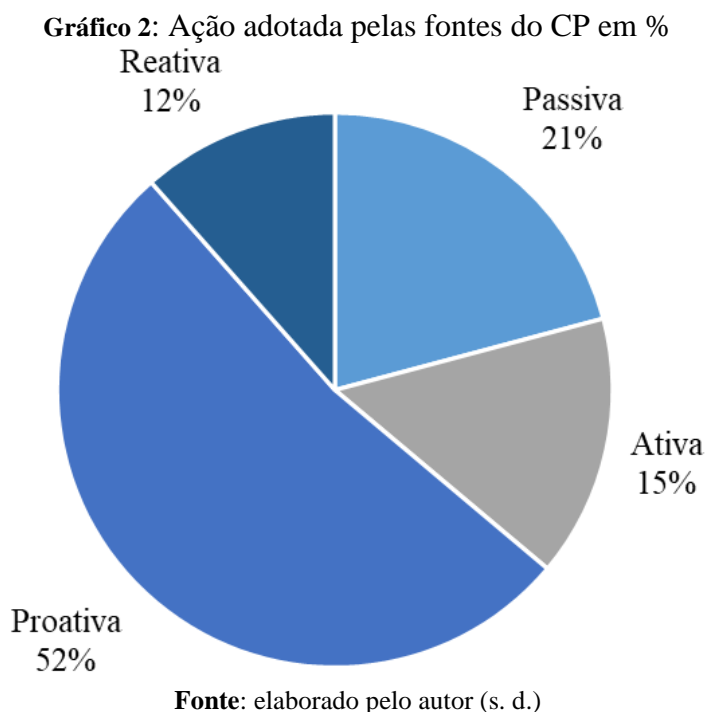
Em suma, pode-se compreender que a escolha de fontes realizada pelos jornalistas e editores do CP, são direcionadas à confiabilidade, pois existe uma chance maior de se obter informações que são interesse do leitor e que de alguma forma contribuam para o discurso que o jornal deseja passar. Nesse mesmo sentido, outro aspecto a levar em conta é que, normalmente, os jornalistas tendem a escolher fontes que seguem a linha editorial do jornal, conforme Fante (2012):

Daí que surge a concentração na produção noticiosa nas capitais ou regiões metropolitanas, onde se situam os centros de poder e onde, supostamente, os acontecimentos estão mais presentes do que no interior. A concentração de fontes ligadas aos governos, fontes oficiais ou ligadas aos poderes predomina (Fante, 2012, p. 36).

A dependência das fontes oficiais contrasta com Girardi *et al.* (2012), que apontam a pluralidade de vozes como uma característica central do jornalismo ambiental. Contudo, é necessário refletir que essa pluralidade de vozes não está necessariamente ligada a uma diversidade de grupos de fontes, mas sim à variedade dentro das próprias fontes, conforme indicado por Fante (2012).

Ao privilegiar certas fontes, também é possível pensar no aspecto levantado por Traquina (2005), sobre a quebra da expectativa de que o jornalismo construa valores a partir da pluralidade, em termos da realização de um serviço público, bem como de observância de um dever de construir uma dinâmica de não dependência de fontes únicas ou de mesmo grupo e perspectiva, de que tratam Kovach e Rosenstiel (2004). De modo igual, encontra-se na discussão sobre o Jornalismo Ambiental, realizada neste artigo a partir de vários autores, afirma-se que para uma cobertura abrangente e complexa dos temas dessa área, é necessário que o jornalismo invista em visões mais amplas.

Quanto a ação, as fontes tendem a tomar quatro posturas: passiva, proativa, ativa e reativa. No CP as fontes adotam a seguinte postura:



Pode-se observar uma nítida preferência por fontes que adotam uma ação proativa, ou seja, “produzem e oferecem notícias prontas, ostensiva e antecipadamente” (Schmitz, 2011, p. 13). As que menos aparecem são as fontes reativas, talvez por justamente preferirem manter uma certa distância da mídia, mantendo a discrição, tendo em vista que são cobradas e questionadas pelo jornalismo.

8 Considerações finais

A análise da cobertura jornalística do Correio do Povo em relação às fontes utilizadas nas reportagens ambientais revela a importância crucial da diversidade e da confiabilidade das fontes de informação. Conforme apontado por Schmitz (2011), as fontes jornalísticas desempenham um papel fundamental na construção de uma narrativa que busca informar e conscientizar a sociedade. No jornalismo ambiental, essa responsabilidade se intensifica, uma vez que a natureza dos temas tratados afeta diretamente a sociedade em seu bem-estar e qualidade de vida.

Os dados analisados neste estudo demonstram uma predominância de fontes confiáveis (86%), o que reforça o compromisso do Correio do Povo em utilizar informações seguras para informar seus leitores. Esse resultado é complementado pelas observações de Fante (2020), que

destaca a dependência de fontes oficiais no jornalismo do veículo. Apesar disso, há certa diversidade de fontes, incluindo institucionais, especializadas e individuais, contribuindo para uma pluralidade de perspectivas que enriquece a cobertura ambiental.

Embora a confiança nas fontes oficiais garanta um certo grau de segurança, a limitação do uso de fontes não-oficiais pode restringir a amplitude das reportagens. Conforme Girardi *et al.* (2012) ressaltam, o jornalismo ambiental deve adotar uma visão pluralista, valorizando diferentes saberes e experiências, o que nem sempre se reflete na dependência de fontes oficiais.

Em suma, a escolha das fontes no Correio do Povo reflete um equilíbrio entre confiabilidade e diversificação, o que garante uma cobertura eficaz das questões ambientais. Ao mesmo tempo, aponta para a necessidade de ampliação dessa cobertura especialmente quanto à inclusão de vozes alternativas aos oficiais, institucionais e empresariais, buscando fontes e perspectivas diversas da comunidade que nem sempre estão organizadas em grupos de pressão. A pesquisa reforça, portanto, o papel do jornalismo no espaço público para mobilizar a sociedade para essa causa.

Embora, como ficou demonstrado, a cobertura consiga trazer vários grupos de fontes, elas ainda são, em sua maioria, atores sociais com condições de organização e espaços de poder. A pesquisa apresentada sobre o Correio do Povo entre 2016 e 2023 confirma estudos anteriores sobre o comportamento do jornalismo diante da escolha das fontes, o que nos leva a questionar sobre a importância de entender a complexidade das pautas socioambientais para, dessa forma, incluir vozes alternativas. Ainda há um caminho a percorrer para garantir maior pluralidade e o jornalismo precisa estar atento ao seu papel e responsabilidade social.

A análise estudou um veículo tradicional e de longa história no Rio Grande do Sul e, dessa forma, deve ser complementada com outras pesquisas a respeito da cobertura jornalística ambiental. Tendo em vista o incremento de várias iniciativas de jornalismo, é preciso compreender que, em torno do serviço público proposto por Traquina (2005), as potencialidades de vários veículos de comunicação corporativos, quanto independentes e alternativos, bem como em diferentes mídias, que fazem parte do atual sistema de informações ao público.

Referências

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo, SP: Edições 70, 2011.

BELMONTE, R. V. **O jornalismo ambiental: três perspectivas em cinco décadas de especialização no Brasil megadiverso**. 2020. 257 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/214035>. Acesso em: 14 set. 2024

BELMONTE, R. V. Uma breve história do jornalismo ambiental brasileiro. **Revista Brasileira de História da Mídia**, [s. l.], v. 6, n. 2, 2017, p. 110-125. DOI: <https://doi.org/10.26664/issn.2238-5126.6220176656>. Disponível em: <https://comunicata.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/6656>. Acesso em: 14 set. 2024.

BONNER, W. **Jornal Nacional: Modo de Fazer**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2009.

BUENO, W. C. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, [s. l.], v. 15, 2007, p. 33-44. DOI: <https://doi.org/10.5380/dma.v15i0.11897>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/download/11897/8391>. Acesso em: 14 set. 2024.

CARVALHO, A. *et al.* **Reportagem na TV: como fazer, como produzir, como editar**. São Paulo: Contexto, 2010.

FANTE, E. M. **As representações sociais sobre o Bioma Pampa no jornalismo de referência sul-riograndense**. 2012. 187 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/54503>. Acesso em: 14 set. 2024.

FANTE, E. M. **O jornalismo do Correio do Povo e o discurso do desmonte da política ambiental do Rio Grande do Sul**. 2020. 217 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/211242>. Acesso em: 14 set. 2024.

GIRARDI, I. M. T. *et al.* Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental. **Comunicação e Coleções**, [s. l.], v. 34, p. 131-152, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufop.br/handle/123456789/5632>. Acesso em: 14 set. 2024.

GIRARDI, I.M.T. *et al.* Discursos e vozes na cobertura jornalística das COP15 e 16. **Em Questão**, Por Alegre, v. 19, n. 2, p. 176-194, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/28599>. Acesso em: 14 set. 2024.

GIRARDI, I. M. T. *et. al.* **Jornalismo Ambiental: teoria e prática**. Porto Alegre: Metamorfose, 2018. Disponível em: <https://jornalismoemeioambiente.com/wp-content/uploads/2018/09/jornalismo-ambiental-teoria-e-prc3a1tica2.pdf>. Acesso em: 14 set. 2024.

KOTSCHO, R. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 2004.

KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T. **Os elementos do jornalismo: O que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LAGE, N. **Ideologia e Técnica da Notícia**. 3ª ed. Florianópolis: Insular, 2001.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas: Unicamp, 1993.

LOPES, F. Uma proposta de um modelo taxonômico para a classificação de fontes de

informação. **Observatório (OBS*)**, [s. l.], v. 10, n. 4, 180-191, 2016. DOI: <https://doi.org/10.15847/obsOBS1042016951>. Disponível em: <https://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/951>. Acesso em: 14 set. 2024.

MACEDO, M. C. **A reportagem especial transmídia: uma proposta de roteirização**. 2024. 349 f. Tese (Doutorado em Comunicação) — Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/55522>. Acesso em: 14 set. 2024.

MASSIERER, C. **O olhar jornalístico sobre o meio ambiente: um estudo das rotinas de produção nos jornais Zero Hora e Correio do Povo**. 2007. 231 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10991/000604518.pdf?sequence=1>. Acesso em: 14 set. 2024.

MIRANDA, C. **Fontes jornalísticas em Veja: enquadramento como estratégia de noticiabilidade em pautas de clima e meio ambiente**. 2012. 139 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) — Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/6335>. Acesso em: 14 set. 2024.

MORAES, C. H. **Entre o clima e a economia: enquadramentos discursivos sobre a Rio +20 nas revistas Veja, Istoé, Época e Carta Capital**. 2015. 206 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/114650>. Acesso em: 14 set. 2024.

MORAES, C. H. F. *In*: ZAMIN, A; SCHWAAB, R. **Tópicos em Jornalismo: redação e reportagem**. Florianópolis: Insular, 2021.

NELSON, P. **Dez dicas práticas para reportagens sobre o meio ambiente**. Brasília, DF: WWF-Brasil, 1994

PEREIRA JÚNIOR, L. C. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. Petrópolis: Vozes, 2006.

RODRIGUES, R. S.; NEUBERT, P. S. **Introdução à pesquisa bibliográfica**. Florianópolis: Editora UFSC, 2023.

SANTOS, R. **A negociação entre jornalistas e fontes**. Coimbra: Minerva, 1997.

SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, G. S.; ALVES, L. H. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, [s. l.], v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>. Acesso em: 14 set. 2024.

SCHMITZ, A. A. **Classificação das fontes de notícias**. Florianópolis: UFSC, 2011. Disponível em: <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/schmitz-aldo-classificacao-das-fontes-de-noticias.pdf>. Acesso em: 14 set. 2024.

SCHWAAB, R. Apuração. *In*: ZAMIN, A.; SCHWAAB, R. **Tópicos em Jornalismo: redação e reportagem**. Florianópolis: Insular, 2021.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**: Porque as notícias são como são. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo vol. 2**: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

WOLF, M. **Teorias das Comunicações de Massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Data de submissão: 28 de setembro de 2024

Data de aceite: 07 de outubro de 2024